

Caciques locais seriam os maiores prejudicados

JAMES ALLEN

BRASÍLIA – As negociações eleitorais nos Estados voltarão à estaca zero. Essa é a conclusão de alguns líderes partidários, caso o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) decida pela repetição, nos Estados, das mesmas coligações feitas para as eleições presidenciais. “Será o turno zero”, diz por exemplo o senador Paulo Hartung (PSB-ES). “Teremos uma situação semelhante à dos casamentos na cadeia”. “No mínimo, seremos flagrados com a namorada errada”, acrescenta o vice-líder

do PFL, Pauderney Avelino (AM), referindo-se à reviravolta que seria necessária para articular o esquema político determinado pelo TSE.

“Quem vai sofrer são os caciques regionais que controlam os partidos”, avalia o deputado tucano João Almeida (BA), citando a posição do ex-senador Antônio Carlos Magalhães, que além do PFL controla siglas como PTB, PL e PPB. Com a vinculação, PTB e PPB teriam de coligar-se com o PSDB e PMDB na Bahia. E se o PL confirmar o namoro com o PT, acabaria isolando o PFL.

O senador Eduardo Siqueira Campos (PSDB-TO), filho do governador Siqueira Campos, discorda. “Quem tem voto, tem voto, a dificuldade, se criada, será para todos”, assegura.

Mas as lideranças não estão paradas. O PSDB aproveita a

pré-convenção de hoje para discutir o assunto. Antes da convenção que lançará a candidatura do senador José Serra (SP), seus presidentes regionais vão avaliar o impacto de uma eventual das regra em suas alianças. Na semana passada, o presidente do Senado, Ramez Tebet (PMDB-MS), foi falar com o presidente do tribunal, ministro Nélson Jobim.

A oposição na Câmara também planeja entregar uma carta aos ministros do TSE contra o alinhamento das coligações. O deputado Walter Pinheiro (PT-BA), embora acredite que o PT seja o menos prejudicado com uma vinculação, decidiu assinar o manifesto. “Precisamos fazer alguma coisa antes da decisão do TSE, porque dificilmente reverteremos isso no Supremo Tribunal Federal (STF)”, afirmou.